

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

Singularidade do Lugar Arquitectónico - Sete Dimensões Para uma Leitura do Território Contemporâneo.

Teresa Madeira da Silva.

Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, DINÂMIA-CET.

Resumo

A discussão sobre a qualidade das obras e dos lugares arquitectónicos contemporâneos faz-se frequentemente em torno de diversos aspectos, entre os quais a adequação da obra arquitectónica ao lugar, ao contexto, à envolvente. Esta questão não é só levantada em termos físicos (considerando a forma, o clima, a topografia, os acessos, as vistas, etc.), mas também em termos estéticos e simbólicos. Actualmente, as questões acerca dos lugares adquiriram uma certa relevância, seja porque as cidades se alargaram de forma repentina, seja pela tomada de posição de alguns investigadores, segundo os quais o processo de globalização poderia pôr em perigo a diversidade cultural no mundo e a identidade de contextos locais e respectivos lugares.

Embora o conceito de lugar seja muito utilizado no campo disciplinar da arquitectura em Portugal, (encontra-se quase sempre presente, quer em textos que acompanham projectos, quer em textos de carácter teórico), é algo que existe numa indefinição incharacterística.

Este texto procura aprofundar o significado do conceito de lugar, no contexto das cidades actuais, tomando como pressuposto que a análise e descrição formal das obras arquitectónicas (por vezes através da decomposição em partes dos edifícios geradores dessas obras), não são suficientes para a sua leitura. Propomos, através de sete tópicos associados aos conceitos de *espaço*, de *tempo* e à *consciência do papel dos intérpretes* explorar outras formas de leitura e interpretação do mesmo.

Palavras-chave: arquitectura, território, hermenêutica, lugar arquitectónico.

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

Texto:

O estudo dos lugares arquitectónicos¹ actuais torna-se particularmente delicado, quando consideramos importantes, um conjunto de factores que nos remetem para a contemporaneidade desses mesmos lugares. O tempo de vida desses lugares (e consequentemente as suas alterações físicas), a variedade dos seus utilizadores, a frequência com que estes mudam de lugar, e a tensão gerada entre diferentes edifícios e elementos urbanos, de configurações diferentes, escalas diferentes e de épocas diferentes, são alguns aspectos que caracterizam os lugares actuais e que importa compreender para o reconhecimento dos lugares na sua singularidade e na sua unicidade, ultrapassando assim o seu sentido literal.

1. O lugar físico, métrico e tridimensional.

A abordagem que fazemos do lugar, dentro de um conjunto de possíveis e diferentes abordagens (física, geográfica, antropológica, etc.), é específica: consideramos que o lugar arquitectónico tem como epicentro um edifício, considerado na relação que este estabelece com a envolvente e portanto, o nosso lugar é físico, métrico e tridimensional, não cabendo neste ensaio as novas realidades espaciais identificadas por Montaner como “espaços mediáticos, não-lugares e ciberespaços” (Montaner, 2001:43). A noção de lugar arquitectónico aceite neste artigo parte, portanto, da predefinição de um lugar que engloba um edifício (como seu epicentro) e a relação que este estabelece com a envolvente, sendo a envolvente materializada através das componentes arquitectónicas (genericamente, edifícios) articuladas por elementos urbanísticos do espaço público (ruas, viadutos, jardins, parques, etc.) incluindo elementos infra-estruturais que se encontram visíveis (postes eléctricos, sinalização, publicidade, arborização, etc.). O lugar arquitectónico é, neste sentido, tal como o lugar aristotélico², de natureza métrica, ou seja, não tem um carácter virtual e define-se através das três dimensões: tem largura(s), altura(s) e profundidade(s), identificando-se, deste modo, como um espaço mensurável.

2. O lugar relacional.

Dado que o lugar arquitectónico engloba um edifício e a relação que este estabelece com a envolvente, podemos dizer que as obras arquitectónicas partem de lugares e contextos pré-existentes, criam novos contextos e, neste sentido, novos lugares. Estes, por

¹ O conceito de lugar arquitectónico é definido pelo edifício (como o epicentro do lugar) e pela relação que este estabelece com o espaço físico que o envolve, designado por envolvente ou contexto.

² Ver: Aristóteles, 1998 [Séc. IV a.C.] “Livro IV A) El Lugar”, *A Física*, Madrid: Editorial Grados S.A., pp. 221-245.

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

sua vez, relacionam-se com outros lugares, são partes de conjuntos que se relacionam a nível local, a nível territorial e a nível global. O lugar é assim relacional.

Como o lugar engloba o edifício e a envolvente, quando falamos de lugar o espaço exterior não é um mero espaço residual em relação ao edifício, mas sim o seu complemento, existindo um exterior, que é a envolvente, em correlação com um interior, que é o edifício – o epicentro desse lugar. Podemos dizer que existem vínculos entre ambos, constituindo estes o próprio lugar, uma vez que, o exterior só existe em relação com o seu interior, ou seja, só existe um exterior em função do interior e vice-versa.

O lugar parece, assim, assentar num duplo sentido, que nos é sugerido pelo facto de ele se constituir circunstância e circunstante: um lugar é condicionado na sua organização pelo que já existe mas, uma vez organizado e construído, passa a condicionar organizações futuras ou, retomando as palavras de Távora, “ele é condicionado na sua elaboração e condicionante na sua existência” (Távora, 1996: 21-22).

3. O lugar como pertença.

Se, na caracterização do lugar, introduzirmos o conceito de pertença, as leituras que habitualmente se fazem dos lugares onde existe um edifício (pretensamente autónomo), e a envolvente (pretensamente adversa), deixam de existir. À luz do conceito de pertença define-se o lugar como englobante dos dois elementos que o constituem – o edifício e a envolvente. Este conceito sublinha uma relação de inclusão e não de oposição³, uma vez que, o lugar só existe enquanto tal, porque aquele edifício lá está.

À luz desta perspectiva, é uma falácia dizer que, um edifício está bem integrado em relação à envolvente (ou seja, em relação a um exterior), uma vez que foi criado um novo lugar e essa integração passou a depender do novo lugar e não do anterior. Ao pensarmos no lugar arquitectónico na perspectiva da relação entre o edifício e a envolvente, estas duas realidades não são independentes das suas relações, pois nem o edifício nem a envolvente são prévios à relação, sendo a relação que constitui o próprio lugar.⁴ Na relação que se estabelece entre o edifício e a envolvente, o lugar que se cria é formado essencialmente pela própria relação, e não pela soma do edifício e da envolvente, existentes. “O espaço exterior não é um mero espaço residual do edificado mas sim o seu

³ Clarifiquemos o conceito de pertença na relação da obra de arquitectura com a envolvente, recorrendo ao conceito de *oposição*, uma vez que muitas vezes a obra é vista como *oposta* (separada do sítio). Na linha filosófica distingue-se *oposição na lógica* (inoportuna dentro da nossa perspectiva), de *oposição na metafísica*, que caberá nos termos que nos interessam. Assim, em termos metafísicos, entende-se por oposição “o modo de relação entre realidades contrárias. Essas realidades são concebidas comumente como interdependentes” (Mora, 1982: 297).

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

complemento orgânico, lógico, prático.” (Tainha, 2000: 86). Faz parte do próprio lugar e por isso passa a pertencer-lhe.

4. O lugar e a variedade dimensionalmente.

Para além das características anteriormente apontadas – o lugar físico, métrico, tridimensional, relacional e pertencente sempre a outro lugar –, podemos dizer que o lugar varia dimensionalmente e que é sempre maior do que o edifício que o gera. Ora, se o lugar arquitectónico se define na relação que a obra estabelece com a envolvente, como a própria definição indica, aquele inclui a envolvente, por isso é sempre maior do que a coisa contida (o edifício), implicando, deste modo, uma dimensão variável. Embora o lugar possa ser lido “de perto” tomando uma dimensão ou ser lido “de longe” tomando outra dimensão, este dificilmente tem limites definidos. Apesar de reconhecermos que o lugar arquitectónico é passível de ser medido através das três dimensões (altura, largura e profundidade), reconhecemos igualmente que o mesmo lugar pode ter como característica fundamental a variedade dimensional.

Para melhor compreender o que acabamos de dizer, recordemo-nos de Gregotti, quando nos diz que, ao fazer uma representação, elegemos um conjunto de significados através de critérios de representação. Mas, se representar um lugar depende sempre de um horizonte inerente ao interesse específico do seu intérprete ou usufruidor, assumindo ele, deste modo, sentidos diferentes, o que nos interessa é que a leitura de um lugar a diversas escalas não é única e indiferente, possuindo a dimensão um poder de especificação muito particular. É fácil perceber o que acabamos de dizer se pensarmos num lugar concreto e tentarmos lê-lo a diferentes distâncias e sob diferentes perspectivas. Na linha de Gregotti, “existem, por exemplo, limites dimensionais de mudança de significado para formas iguais” (Gregotti, 2004: 55). Em termos práticos, o lugar não é produto de um desenho unitário ou só o é enquanto representação, ou seja, como reprodução efectiva de uma imagem, de uma realidade que, ao transformar-se em representação, cria intencionalmente um limite, como forma de se poder representar.

A partir de escalas diferentes, o mesmo lugar tem dimensões e significados diferentes – a cada dimensão corresponde um sentido; a mesma forma pode ter sentidos diferentes e as relações que se criam com a envolvente têm leituras diferentes consoante a escala ou a dimensão com a qual trabalhamos ou que encontramos.

⁴ Ver relações internas e relações externas em Mora (1982: 351).

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

5. O lugar não objectivável.

Seguindo esta linha de pensamento, podemos perceber que o lugar é uma entidade não objectivável; para além de não ter limite definido, o mesmo lugar não tem uma só *forma* tal como não tem uma só *figura*. Se entendermos por *forma* o aspecto exterior de um objecto, isto é, a sua configuração em termos de massa e volume, podemos então dizer que o lugar tem *forma*. Mas, uma vez que o lugar se deixa representar de diferentes maneiras, podemos então dizer que o lugar tem *formas*, uma vez que o podemos representar, embora, nem sempre da mesma maneira, nem sempre com a mesma dimensão e nem sempre segundo a mesma perspectiva. A *figura*, em contrapartida, considerando o aspecto interior de um objecto, ou seja, a sua essência, ou o seu significado muda consoante o observador, as épocas, os diferentes autores e, até, os diferentes utilizadores; porque a figura é o poder de comunicação – o sentido –, que a forma possui⁵. Nesta perspectiva, a definição do lugar, é o produto de uma rede de possibilidades, uma vez que nunca se define por si próprio, mas sempre na relação com outros lugares e segundo diferentes pontos de vista.

6. O lugar como acontecimento.

Para além de ser de natureza métrica, incluir a relação entre o edifício e a envolvente, variar dimensionalmente e não ser objectivável a não ser enquanto representação, o lugar arquitectónico caracteriza-se igualmente pelo carácter de acontecimento que lhe é inerente e que nos remete para a sua natureza mutável. Neste sentido, o lugar define-se como “algo que ocorre, toma lugar, ou sucede, numa determinada região do espaço ao longo de um determinado período de tempo” (Branquinho, 2001: 22).

Actualmente, em reflexo de novas dinâmicas e da alteração do estilo de vida, os lugares crescem de forma contínua, mas incluem rupturas a nível formal e temporal – as cidades “evoluem para aglomerações extensivas, fragmentadas ou dispersas” (Portas *et al.*, 2003: 96); por outro lado, não têm limites facilmente reconhecíveis, constituindo assim um novo dado em relação ao paradigma da leitura dos lugares arquitectónicos. Também se verifica que, as obras e os lugares alteram os seus usos e a sua forma com grande rapidez, transformando-se, deste modo, noutros lugares: antigos castelos ou conventos são actualmente pousadas, antigos cafés são hoje instituições bancárias e edifícios históricos passaram a ser sedes de grandes empresas. Para além disso, edifícios de pequena altura são rapidamente substituídos por outros de grande altura, os espaços

⁵ Gregotti, Vittorio, 2004 [1972]. *Território da Arquitectura*, S. Paulo: Perspectivas, p.28.

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

vazios são substituídos por novas construções, ou ocupados de forma repentina e semiclandestina (como é o caso dos terrenos baldios que rapidamente são ocupados, por exemplo, para estacionar automóveis). A acrescentar a estas mudanças, as pessoas deslocam-se cada vez com maior rapidez, alterando assim a sua relação com os lugares e o sentido que lhes atribuem.

Igualmente, o que acontece muitas vezes aos lugares está longe das expectativas do seu autor – um lugar muda muitas vezes de um modo imprevisível, num processo que comporta constantes alterações e mudanças, por vezes, radicais. A partir da construção do edifício como elemento fundador, ao longo do tempo percebemos que aquilo que já foi não pode vir a ser e o lugar deve, deste modo, ser considerado uma entidade irreversível.

Partindo do princípio de que a arquitectura trabalha com materiais inertes, a sua envolvente, certamente, se modifica. Como sabemos até a paisagem natural se transforma, está sempre em mutação; no caso dos lugares, a envolvente construída também se altera – são construídos novos edifícios, uns são acrescentados, outros são demolidos, os acessos modificam-se, etc. A própria arquitectura não se modifica muitas vezes em relação à sua forma, mas envelhece, a cor altera-se, os materiais desgastam-se.

Dado que a mutabilidade do lugar arquitectónico se refere ao facto de as relações que esse lugar estabelece com o mundo físico que o cerca não serem estáveis e permanentes, esta característica permite-nos perceber a razão pela qual, nas nossas cidades e nos edifícios que construímos, o que acontece muda muitas vezes de um modo imprevisível e normalmente as expectativas que tínhamos acerca de um lugar não correspondem ao que depois se verifica.

7. O lugar como obra aberta.

Para além das suas características físicas, o lugar arquitectónico é igualmente as leituras que fazemos dele ao longo do tempo. Superando o seu significado literal, qualquer lugar proporciona uma pluralidade de leituras que surgem na continuidade umas das outras, o que implica que o lugar arquitectónico seja uma obra em aberto.⁶

⁶ Não podemos deixar de referir o conceito de obra aberta de Umberto Eco. Para este autor, o conceito de obra aberta nasce da relação de fruição entre o fruidor (intérprete) e a obra e surgiu das experiências musicais de Luciano Berio: “estas novas obras musicais consistem (...), não numa mensagem acabada e definitiva, não numa forma organizada univocamente, mas numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete, e apresentam-se portanto, não como obras acabadas que pedem para ser revividas e compreendidas dentro de uma direcção estrutural dada, mas como obras ‘abertas’, que serão levadas a cabo pelo intérprete no mesmo momento em que as frui esteticamente” (Eco, 1986: 67). Deste modo, o conceito de obra aberta é formulado como “proposta de um ‘campo’ de possibilidades interpretativas...” (Eco, 1986: 173).

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

A razão pela qual subentendemos que o lugar é uma entidade em aberto deve-se ao facto de este, por um lado, estar exposto a quem o quiser usar (existe perante qualquer lugar uma infinidade de intérpretes de diferentes épocas, cada um com o seu modo de ver e de pensar) e por outro, porque as obras e os lugares e os significados que se constroem acerca deles são sempre o resultado de inúmeras interpretações anteriores à nossa e que vão alterando o significado do próprio lugar.

Igualmente, o lugar constrói-se como um todo a partir das suas partes, tornando-se um todo individual e por isso singular e único. Uma vez que resulta da relação do edifício com a envolvente, está implícito o conceito de individualidade, uma vez que, um lugar nunca é passível de ser repetido, porque se inscreve num determinado local de uma forma única e irrepetível.

Assim, tendo um lugar várias partes com diferentes relevâncias, pode ser construído, observado e usado de várias maneiras, reconhecendo-se assim um campo ilimitado de leituras, usos e interpretações possíveis. É devido a este facto que um lugar ganha individualidade e que, ao ser percebido, pode ser compreendido segundo esta ou aquela perspectiva, mas nunca segundo todas as perspectivas ao mesmo tempo. Por outro lado, ao proporcionar diferentes leituras, estas estão orientadas segundo um estímulo definido pela própria obra. Cada intérprete dá uma resposta orientada pelas particularidades de cada lugar enquanto pré-existência, uma vez que, a construção de um lugar é sempre uma resposta a uma pergunta que já traz um sentido.

Conclusão.

Através deste pequeno ensaio podemos considerar as obras e os lugares, no território contemporâneo, como entidades em aberto. Para além de nunca se darem como terminados, quer do ponto de vista físico, quer do ponto de vista das interpretações que deles se possam fazer, os lugares comportam uma carga de não objectividade embora, sejam passíveis de serem objectivados através da sua representação. Neste sentido, apesar da sua natureza métrica, a sua dimensão varia consoante o ponto de vista dos seus intérpretes, o seu modo de ver, a época em que se encontram, a sua experiência e cultura. Por outro lado, os lugares têm um carácter relacional, porque qualquer lugar faz sempre parte de outros lugares –, daí a intertextualidade que verificamos nas cidades actuais e a singularidade que lhes atribuímos: um lugar é único e irrepetível porque se relaciona naquele sítio, daquela maneira, e é visto a partir de um intérprete situado numa determinada época, a partir de uma cultura (se não fosse assim seria outro lugar). Para além de ser único porque se relaciona de uma forma única com o local onde se implanta, a

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

singularidade advém-lhe igualmente do facto de ser um todo e, como tal, poder ser lido a partir das suas diferentes partes, mas nunca de todas ao mesmo tempo.

De acordo com as mudanças que ocorrem em qualquer lugar, este poder ser vistos como um acontecimento, ou seja, como algo que ocorre numa determinada região durante um período de tempo. Igualmente, qualquer obra ou lugar só se completa se for apropriado pelos seus intérpretes e utilizadores, sendo essa apropriação um campo de possibilidades aberto e ilimitado. Assim, não há que lhe impor um fechamento, através de um conjunto de regras e princípios, mas reconhecer que o lugar continua para lá do nosso tempo. Os lugares, na relação que as obras arquitectónicas estabelecem com a envolvente, deverão ser vistos como uma possibilidade em constante revisão, neles coexistindo vários tempos e diferentes intérpretes. Podemos, então, perceber que há contextos para muitos e diferentes lugares, sendo os lugares arquitectónicos essa mesma possibilidade em permanente recriação.

A riqueza dos lugares que constituem as cidades contemporâneas está na diversidade e na unidade, na possibilidade de os vivermos através da variedade de leituras que proporcionam, nos diferentes sentidos que podem tomar, na continuidade e na descontinuidade, e no conjunto de questões que levantam ao longo do tempo. Se a cidade actual é de difícil leitura segundo os modelos da cidade tradicional, teremos que encontrar outras formas de a avaliar e a interpretar, extravasando as leituras formais dos lugares e antes, encontrar-lhe e atribuir-lhe um sentido.

Bibliografia:

ARISTÓTELES, 1998 [Séc. IV a.C.]. “Livro IV A) El Lugar”, *A Física*, Madrid: Editorial Grados S.A., pp. 221-245.

BLEICHER, Josef, 2002 [1980]. *Hermenêutica Contemporânea*, Lisboa: Edições 70.

BRANQUINHO, João, 2001. “Acontecimento”, BRANQUINHO, João, MURCHO, Desidério (eds.), *Enciclopédia de Termos Lógico-filosóficos*, Lisboa: Gradiva, pp. 22-27.

ECO, Umberto, 1986 [1962]. *Obra Aberta*, Lisboa: Editora Perspectiva.

FRAMPTON, Kenneth, 2000 [1980]. *História Crítica da Arquitectura Moderna*, São Paulo: Martins Fontes.

GADAMER, Hans-George, 1998 [1996]. *O Problema da Consciência Histórica*, Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.

MADEIRA da SILVA, Teresa (2011). *Singularidade do Lugar Arquitectónico: Sete Dimensões para a Leitura do Território Contemporâneo*. In Chaves, Mário (coord.), **Que Futuro?** Lisboa, Editora da Universidade Lusíada, Ensaio. Pp. 129-137. ISBN: 978-989-640-105-4.

GADAMER, Hans-George, 2004 [1960]. *Verdade e Método I: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*, Petrópolis: Editora Vozes.

GREGOTTI, Vittorio, 2004 [1972]. *Território da Arquitectura*, S. Paulo: Perspectivas.

MONTANER, Josep Maria, 2001. *Después del Movimento Moderno: Arquitectura de la Segunda Mitad del Siglo XX*, Barcelona: Gustavo Gili.

MORA, José Ferrater, 1982 [1977]. *Dicionário de Filosofia*, Lisboa: Dom Quixote.

MUNTAÑOLA, Josep Thornberg (ed.), 2003. *Arquitectura y Hermenéutica*, 4, Barcelona: Architectonics, Ediciones UPC.

PALMER, Richard E., 1999 [1969]. *Hermenêutica*, Lisboa: Edições 70.

PORTAS, N., DOMINGUES, A., CABRAL, J., 2003. *Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias e Oportunidades*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ricoeur, Paul, 2000 [1976]. *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação*, Lisboa: Edições 70.

SILVA, Isabel, 1997 [1989]. "Sentido", *Logos: Enciclopédia Luso Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Lisboa/São Paulo: Verbo, pp. 1033-1037.

SILVA, Teresa Madeira da, 2009. *Um Modelo Teórico de Interpretação do Lugar Arquitectónico como Modo de Investigação Projectual - Uma Leitura Hermenêutica*. ZEIN, Ruth Verde (org.), IV PROJECTAR 2009 Projecto como Investigação: Antologia. São Paulo: Editora Alter Market.

SIZA, Álvaro, 2000 [1998]. *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70.

SOLÀ-MORALES, Ignasi, 2002. *Territórios*, Barcelona: Gustavo Gili.

TAINHA, Manuel, 2000. *Textos do Arquitecto Manuel Tainha*, Lisboa: Estar Editora.

TÁVORA, Fernando, 1996 [1962]. *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP Publicações.

VENTURI, Robert, 2004 [1966]. *Complexidade e Contradição em Arquitectura*, São Paulo: Martins Fontes.